

# A experiência da Praia da Estação:

## outras narrativas, multiterritorialidade e resistências no centro de Belo Horizonte

*The experience of Praia da Estação:*

*Other narratives, multiterritoriality and resistances in the center of Belo Horizonte*

Milene Migliano

Professora do Centro de Artes, Humanidades e Letras, CAHL-UFRB, membro do Grupo de estudos em Experiência Estética, Comunicação e Artes UFRB. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, mestre pelo PPGCOM – UFMG e banhista da Praia da Estação. E-mail: milenemigliano2@gmail.com

### RESUMO

O texto apresenta processos da investigação de nossa tese de doutorado, a respeito das narrativas urbanas da Praia da Estação, uma mobilização contra uma medida autoritária da municipalidade de Belo Horizonte, em 2010. Por meio de uma montagem de fragmentos de narrativas sobre a Praia, buscaremos dar a ver parte dos fluxos de pensamento, práticas e gestos que tomaram forma nos enfrentamentos, criações e reverberações, entre os espaços públicos da cidade e internet, constituindo multiterritorialidade.

**Palavras-chave:** redes sociais, territórios, fragmentos de narrativas.

### ABSTRACT

The text presents processes of the investigation from our doctoral thesis, regarding the urban narratives of the Beach of the Station (Praia da Estação), mobilization against authoritarian measure of the municipality of Belo Horizonte, 2010. Through a set of fragments of narratives on the Beach, we will try to see part of the flows of thought, practices and gestures that took shape in the confrontations, creations and reverberations, between the public spaces of the city and the internet, constituting multiterritoriality.

**Key-words:** social networks, territories, fragments of narratives

Este artigo tem como objetivo desvelar parte da investigação de nossa tese, interessada nas narrativas das produções imagéticas e imaginárias em/de redes de ativismos urbanos. Dessa maneira, é importante delinear que, consideramos como primeira motivação investigativa a afirmação de Walter Benjamin “de que toda descoberta científica implica por si só, mesmo sem pretendê-lo, uma revolução procedimental” (BENJAMIN, 2013, p.125). Ou seja, empenhamo-nos a buscar saber como a internet e as novas tecnologias de informação e comunicação transformam os procedimentos utilizados nos/ pelos movimentos de resistência política urbana contemporânea, compondo territórios diferentes dos planejados pelo poder instituído.

A segunda motivação investigativa parte da afirmação da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, quando diz que os resultados das mobilizações sociais importam menos do que os processos e, que é preciso considerar que “Nós temos hoje (no Brasil) uma espécie de contenção do imaginário político (2011)”; indagamo-nos se é possível dizer que os movimentos de resistência (CERTEAU, 2000) urbana contemporâneos puderam, então, ampliar e/ou expandiram/expandem os imaginários políticos? No intuito de problematizar ambas questões, lançaremos o olhar para alguns fragmentos de narrativas da Praia da Estação, em Belo Horizonte.

A Praia da Estação inicia-se em janeiro de 2010 como modalidade de protesto que reivindicava a suspensão do decreto municipal Nº 13.798<sup>1</sup> que proibia a realização de eventos de qualquer natureza na Praça Rui Barbosa, também conhecida como a Praça da Estação. Localizada na região central da capital mineira, a praça guarda desde a fundação da cidade, em 1897, a Estação Central de Trens, e na atualidade, também a Central de Metrô. Em 2008, depois de uma reforma de oito anos, passa a abrigar no prédio da Estação o Museu de Artes e Ofícios, constituído pelo acervo do Instituto Cultural Flávio Gutierrez<sup>2</sup>. O plano originalmente divulgado do museu consistia em realocar as estações de trem e metrô dentro do prédio da estação – desativado para a reforma mesmo em funcionamento pleno – o que nunca aconteceu.

Na sequência da publicação do supracitado decreto, interditando o espaço ao uso público, acontece a chamada para uma reunião em um blog<sup>3</sup> anônimo, o “vá de branco”; o chamado reuniu oitenta pessoas, na primeira quinta-feira do ano de 2010. Neste encontro inicial, depois de algumas horas de desentendimentos, montamos uma lista de emails<sup>4</sup> e em nove dias acontece a primeira Praia da Estação: a praça de concreto é tomada por corpos vestidos em roupas de banho para nadar nas fontes. Uma praia estava sendo praticada

em uma praça recém-revitalizada no centro de uma cidade do interior do país: um novo território estava sendo conquistado.

“Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.” (HAESBAERT, 2004, p.1)

Um blog<sup>5</sup> coletivo foi montado e como sugestão de ação por ativistas que seguem a ética hacker, deixamos sua senha disponibilizada como post fixo. Com a lista de e-mails, as duas plataformas online se constituíram como territórios de debate virtual da Praia da Estação, nos quais diversos outros blogs apareceram. Naquele momento da internet, os blogs eram a maneira mais acessível para se expressar online, como lembra o ativista iraniano que contestava o poder em seu país: “Blogs valiam ouro e blogueiros eram como estrelas de rock, quando fui preso em 2008.” (DERAKSHNAN, 2015). Os territórios do espaço virtual também começavam a ser ocupados pela Praia da Estação.

O protesto persistiu por três semanas, aos sábados pela manhã, mesmo com uma mídia local que não colaborava com a visibilidade pública da questão. O prefeito, pressionado, instaura uma comissão para revisão do decreto que, depois de mais três meses é finalmente suspenso. Importante dizer que Belo Horizonte é uma cidade planejada e que desde sua inauguração, em 1897, as disputas entre os sentidos atribuídos aos espaços pelos que controlam a cidade são questionados e enfrentados pela população, desenhando ranhuras e fissuras no traçado urbano de inspiração positivista.

As práticas de ocupação da Praia da Estação compuseram-se de forma experimental diferenciando-se das hierarquizadas em funcionamento nas instituições que regulam o espaço urbano. Seja em encontros presenciais, ou por meio do compartilhamento de registros das situações vivenciadas, narrativas foram/vão sendo tecidas e atualizadas em suas dimensões políticas e afetivas, contaminando (GUATTARI, 1992, p.113) e imbricando outros corpos e territórios. Em meio a uma trama de acontecimentos, alguns vivenciados outros acessados por etnografia digital, produziremos uma montagem (DIDI-HUBERMAN, 2016, s/p) de fragmentos narrativos em tempos de contestação, reivindicação e/ou celebração, mobilizadas na Praia da Estação.

## Enfrentamentos

Desde o primeiro dia de encontro presencial do que viria a ser a Praia da Estação, percebemos a multiplicidade e heterogeneidade de modos de pensar, agir e se relacionar, das pessoas que estavam reunidas. A urgência de conseguir reverter a situação fazia surgir inúmeras ideias para o enfrentamento da interdição do decreto. Não eram necessariamente contraditórias ou deveriam ser consideradas ações únicas: passeatas, ações civis no ministério público, atuação sistemática na mídia local, ocupação contínua da praça. As proposições eram trocadas tanto em encontros presenciais quanto na lista de e-mails e blog, estabelecendo um espaço liminar de produção de práticas e imaginários entre os territórios da cidade e do ciberespaço.

A ideia da praia<sup>6</sup> foi uma das que foram debatidas como algo que poderia vir a ser, desde a reunião do vá de branco, convocada pelo blog anônimo. A permissibilidade do entendimento de que cada um poderia praticar a praia da maneira que entendesse foi um primeiro pensamento indicativo de que poderíamos conseguir fazer alguma coisa juntos, depois de tantos desentendimentos iniciais. Compreendemos que compartilhávamos um dano em comum foi um consenso que nos fez encarar a demanda de fazer algo. E para além da proibição dos eventos na praça a proposição de desvestir-se no centro da cidade foi realmente acatada por todos, conformando-se como um segundo entendimento comum compartilhado. Importante ressaltar que no contexto belo horizontino, diferentemente de cidades à beira do mar, onde as pessoas muitas vezes circulam de roupa de banho pelos bairros praiheiros, não é nada costumeiro ver uma pessoa de biquíni pelo asfalto. Além disso, muitos moradores da capital ainda cultivam uma ideia de tradicional família mineira (ideário de família nuclear com casal heterossexual casado na igreja católica), além dos espaços públicos urbanos serem regulados por um código de posturas municipal. Colocar o corpo de roupas de banho no calçamento da praça se conformou como uma proposição de enfrentamento ao biopoder (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p.57) no espaço urbano da cidade



foto1\_navarro: Imagem da primeira Praia da Estação, crédito Luis Navarro em seu flickr.

O banho<sup>7</sup> foi um momento no qual os afetos e perceptos foram mais do que ativados na experiência dos banhistas presentes. Transeuntes que aguardavam os ônibus no cimento, sem sombra, vieram se refrescar. As pessoas que atravessavam a praça com crianças, não tinham como negar os pedidos dos pequenos se juntarem à nós. Os vendedores de bebidas e moradores de rua também se juntaram e abraçados, cantávamos e dançávamos juntos. O banho foi o catalisador de produção de laços fortes entre os moradores da cidade, reivindicando o uso público da praça; um território de pertencimento contra-hegemônico foi ali estabelecido.

Diversos materiais foram produzidos virtualmente e espalhados pelas redes sociais que existiam naquele momento, como fotos, memes, vídeos e músicas, sendo replicados na lista de e-mails, como o teaser<sup>8</sup> publicado no youtube com imagens do primeiro sábado, chamando para a próxima praia. O modo não usual de se manifestar, isto é, enfrentá-lo na ação de desacato total – realizando um evento semanal – já estava feito. A ocupação da internet sendo realizada sempre com definições, decisões e discussões pautadas pela colaboração, horizontalidade e ética hacker, influenciou algumas ações diferenciadas: o blog coletivo tem o acesso às postagens liberado para todos; sempre que éramos entrevistados pela mídia, respondíamos aos jornalistas com os pseudônimos coletivos como Luther Blisset<sup>9</sup>, Rita Garela ou Ommar Motta, cacófatos que demonstram a ironia e ludicidade da Praia da Estação.

A ativação de modos de operar hacker, chamando a responsabilidade para todos, mas ao mesmo tempo para ninguém personificado, enfrentam o modo de operar das práticas políticas dominantes, modos de reivindicação outros estavam tomando parte na cidade e também na internet: consideramos que a Praia da Estação é um exemplo de “Uma conversão da forma manifestação na forma ocupação.<sup>10</sup>” (RANCIÈRE, 2016, s/p). Para o autor, outra característica que marca as ocupações atuais nas cidades é que as praças e as ruas tem sido acessadas pelos ativistas já que “São os últimos espaços públicos nos quais se pode estar em comum; discutir e atuar em comum<sup>11</sup>.” (Idem). Como muitos outros movimentos que se desenrolaram pelas cidades globais, podemos dizer que a Praia da Estação estava “reivindicando justiça social e democracia autêntica” (CASTELLS, 2015 p.25) e com eles,

“Ignoraram os partidos políticos, desconfiaram dos meios de comunicação, não reconheceram nenhum líder e rechaçaram qualquer organização formal, dependendo da internet e das assembleias locais para o debate coletivo e tomada de decisões.<sup>12</sup>” (Idem)

Desde 2010, em diversas cidades ao redor do mundo, “movimentos de indignados e por liberdade democráticas” emergiram, dando a ver o que foi chamado de “união dos corpos no espaço público” (CARNEIRO, 2012, p.10). Corpos que seguiram para as ruas para juntos, retomarem os espaços nos quais poderiam se encontrar, constituir territórios múltiplos. Segundo o autor, em “Occupy”, coletânea de textos escritos no calor das mobilizações que compõem as ocupações dos espaços públicos até 2011, a disseminação desta maneira de tomar as ruas ocorreu de modo epidêmico, no sentido etimológico, do grego, para além do que uma doença pode ser,

“mas algo que ocorre com muita gente do povo, como a conversão religiosa dionisíaca, por exemplo. Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores” (CARNEIRO, 2012, p.10)

As mudanças que as redes sociais digitais integradas às novas tecnologias de informação e comunicação articularam, produziram conteúdo e modos de operar as novas mídias, em um processo de mobilização de sentidos que se dá de modo transmidiático. Sentidos que circulam em uma dimensão transmídia, atravessam tanto as mídias tradicionais como os novos aparatos da difusão pela internet, contaminando eletronicamente os cidadãos em prática política e conseqüentemente, na produção de múltiplos territórios de sentidos.

No texto “Democracia, segurança pública e coragem para agir na política” Edson Teles aponta como peculiaridade do caso brasileiro a violência policial desmedida na desocupação de áreas que tem “forte especulação imobiliária”, como no caso do Pinheirinho, em São José dos Campos e também no caso da Cracolândia, no centro de São Paulo. Tal despreparo para lidar com a população demonstra um braço do poder público agindo contra quem ele deveria zelar: “Para que o projeto se concretize, é necessário limpar as áreas da presença dos pobres” (TELLES, 2012, p.79), comenta o autor ao ler notícias que dão a ver um discurso que legitima a higienização das ruas da cidade para garantir a segurança pública, a conformação de um outro território, sem os outros.

Os que são vítimas da desigualdade social podem tornar-se inimigos da polícia militar – e outras instâncias responsáveis por garantir determinadas posturas no espaço público - a partir de uma determinação judicial ou mesmo de um consenso da ordem pública, instaurado por uma situação. Apesar de considerar, naquele momento, que o caso brasileiro não conformava uma experiência tão radical nos modos de expressividade política urbana, se comparado com as outras situações narradas nos textos da coletânea, Telles já apontava a crista da onda do que viria a ser 2013: o confronto entre a polícia militar e a juventude e/ou mobilizações de luta e defesa de visões de mundos diferentes do modo hegemônico de governar o espaço público.

“A ação repressiva do Estado, legitimada pela ideia de defesa dos direitos, alimenta o sentimento de constante ameaça à propriedade, ao emprego, ao salário, ao consumo e à ação política, gerando o medo paralisante. É como se um fantasma rondasse a sociedade, obrigando-nos, em momentos de transformação, a adotar uma política do possível evitando rupturas. Vivemos um momento grave da nossa vida social, em que precisamos refletir sobre qual democracia queremos e, mais do que isso, agir com radicalidade para denunciar um modo autoritário e manipulador de se fazer política. (TELLES, 2012, p. 82.)

A “experiência brasileira” reconhecida internacionalmente nas referências bibliográficas, que integra essa onda dos novos modos de reivindicação - que transformaram diferentes cidades articuladas via internet - ainda viria a acontecer, concatenando ações conjuntas em mais de 100 cidades: foram as chamadas Jornadas de Junho, em 2013. A partir das marchas convocadas pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo e da violência policial que oprimiu os manifestantes em 13 de junho de 2013, foram agenciadas marchas, protestos e o despertar de muitas reivindicações, em diversas cidades do país, praticando territórios de contestação conectados. A violência policial foi tanta na capital paulista, com o uso equivocado das chamadas armas não letais, como a bala de borracha, que a polícia feriu diversos manifestantes e cegou um olho de um jornalista. Tal fato visibilizou

a desconsideração da defesa dos direitos humanos nas manifestações de expressividade política, mesmo que legitimadas pela constituição brasileira.

“a fagulha das manifestações de junho não surgiram do nada: foram anos de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos – o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis – que, entre “catraços”, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas, como os Comitês Populares da Copa e sua articulação nacional, a Ancop.” (RÖLNIK, 2013, p.9)

Depois da violenta atuação policial às marchas, consolidando a peculiaridade apontada por Telles, sobre a onda do caso brasileiro, as revoltas das Jornadas de Junho também ficaram conhecidas como “A revolta do vinagre”. Ao saberem que o vinagre inibe a ação do gás lacrimogênio, os jovens manifestantes começaram a levar para as marchas, mochilas com embalagens do produto do alívio para o momento do ataque policial. A polícia militar, em uma ação de “prevenção” ao vandalismo ao patrimônio público, passou a averiguar as mochilas dos jovens que circulavam próximos às regiões das marchas em muitas cidades, apreendendo frascos de vinagres, e os jovens detidos, interditando-os de participar das mobilizações e produzindo imagens veiculadas pela televisão dos potenciais vândalos.

“As manifestações que se alastraram pelas ruas do Brasil em junho e 2013, motivadas inicialmente pela ação truculenta da polícia nos protestos contrários ao aumento da passagem urbana em São Paulo, caracterizaram-se pela multiplicidade de pautas evidenciadas em improvisados cartazes, críticas à imprensa e aos partidos políticos, assim como a recusa à representação típica dos movimentos sociais tradicionais. Destaca-se, em nossa abordagem, o fato de se processarem na interface porosa entre as ruas e mídias sociais.” (ALZAMORA et alii, 2014, p.39)

São muitas histórias deste período em todas as cidades que se mobilizaram em ação conectada contra a violência da polícia militar brasileira, histórias que transformaram as condições de possibilidade das atuações e experiências urbanas, modificando inclusive a experiência Praia da Estação. Produzimos na tese uma tentativa de aproximação de tal complexidade, num golpe de vista da relação destes eventos ao imaginário político urbano de Belo Horizonte; sigamos.

### Da Praça Sete ao Mineirão

Em 19 de janeiro de 2013 aconteceu a comemoração do aniversário de três anos da Praia da Estação, como já acontecia desde a produção do “mar da praia”<sup>13</sup>. Na imagem abaixo, publicada no flickr da conta do perfil “overmundo”,

podemos ver um grande número de pessoas na comemoração do verão. O overmundo se autodenomina um coletivo midialivrista, que se mobilizou com o intuito de fomentar uma rede de comunicação e distribuição ampliada de conteúdos produzidos por todas as pessoas que quiserem disponibilizar seu material. Eles gerenciavam alguns perfis em plataformas de armazenamento, como o flickr, onde os colaboradores espalhados por todo o país podiam disponibilizar seus materiais.

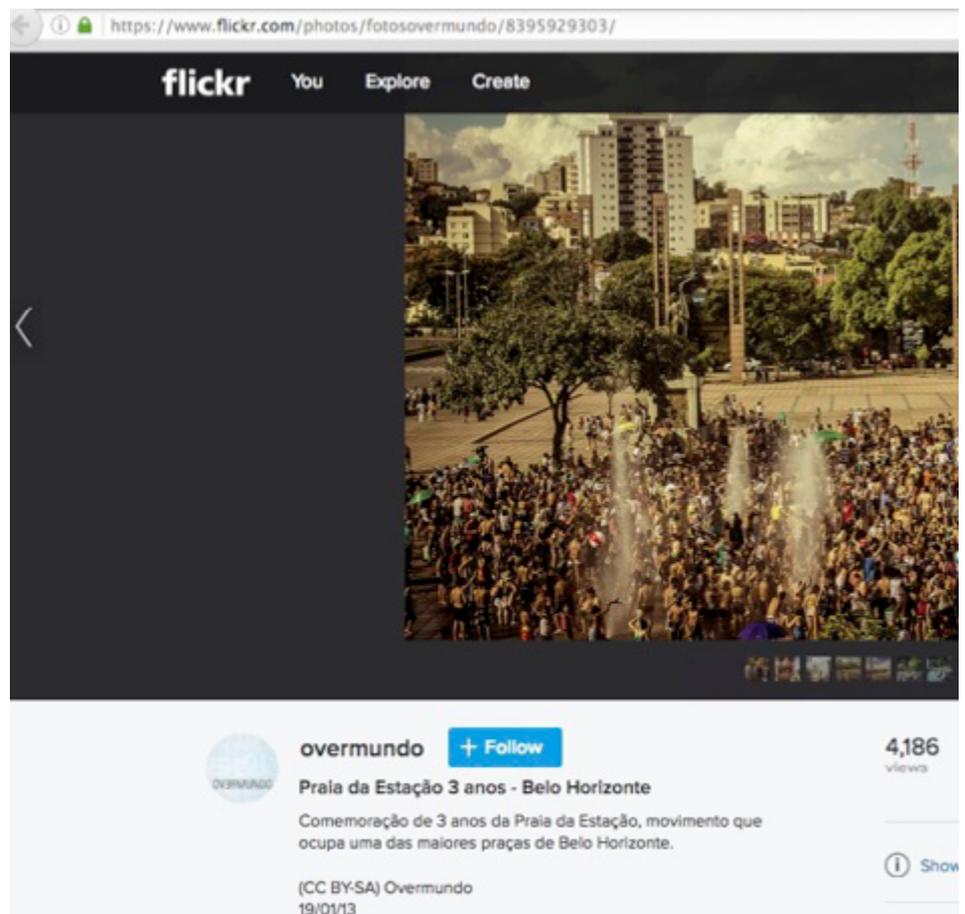


foto2 – overmundo: Imagem constante no flickr do overmundo.

Na imagem podemos notar um grande número de pessoas em cima das fontes, podendo ser o exato momento em que foram ligadas, e o rompante do jato de água havia acabado de aparecer, como vemos as rajadas entre os corpos dos banhistas.

O blog onde está hospedado o Overmundo, os designa como

um site colaborativo. Um coletivo virtual. Seu objetivo é servir de canal de expressão para o midialivrista no país, abordando desde a rica, diversa e intensa produção cultural independente do país até as questões relacionadas à política e/ou movimentos sociais, ambos tendo na mídia independente e livre um de seus maiores suportes. Para funcionar, ele precisa da comunidade de usuários sempre gerando conteúdos, votando, disponibilizando músicas, filmes, textos, comentando tudo e trocando informações de modo permanente<sup>14</sup>

O chamado para a participação na produção do conteúdo, afirmando o ideário da colaboração e do modo horizontal de conformar mundos, assim como o da perspectiva da ética hacker é bem marcante no texto. Quando acontece o chamado do MPL de São Paulo para que outras cidades realizem marchas, em solidariedade à opressão que a manifestação paulista do dia 13 de junho sofreu, essa rede de midialivristas foi uma das conectadas e reativadas: neste momento a chamada mídia ninja se estabeleceria como um outro lugar de fala na produção de imagens das manifestações, muito diferente do que a imagem da televisão mostrava das ruas das cidades.

A Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – é uma rede descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas invisibilizadas pela Grande Mídia. A partir da lógica colaborativa de produção que emerge da sociedade em rede, conectamos jornalistas, fotógrafos, videomakers, designers, e possibilitamos a troca de conhecimento entre os envolvidos. O projeto foi lançado oficialmente em março de 2013, na cobertura do Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia mas ganhou visibilidade durante as manifestações de junho no Brasil. Nossa trajetória, entretanto, é fruto do acúmulo de 15 anos de experiências do Fora do Eixo, rede presente em mais de 200 cidades do país e pioneira em linguagens das redes sociais como fotografia, transmissão ao vivo, design e audiovisual.<sup>15</sup>

O site do mídia Ninja, diferente dos blogs que são criados em uma plataforma hospedeira, tem seu desenvolvimento realizado por uma outra rede, a Rede Livre, demonstrando em alguma medida, uma mudança nos modos de se garantir a produção e a manutenção do conteúdo no ar. No texto que os apresenta, também remontam à crise do modelo comercial da comunicação e sua potência enquanto rede que “realiza coberturas e matérias por todo Brasil, apresentando histórias e contra-narrativas aprofundadas nas questões sociais, econômicas, políticas e ambientais.” Diferente da realidade de outras páginas que agenciavam redes de lutas em 2013, o site do mídia ninja está atualizado.

As situações que se desenrolaram em Belo Horizonte em apoio ao MPL paulista foram prioritariamente mobilizados pelo facebook. Os eventos criados por perfis da rede social criavam os chamados “grandes atos”, que mobilizavam os militantes de movimentos sociais, ativistas, coletivos e a sociedade civil não organizada. O 5º Grande Ato foi criado por um perfil recém criado na plataforma, que era o da Assembleia Popular Horizontal e que contém na sua descrição: “não é uma convocação para manifesto, mas para um fórum de diálogo horizontal e autônomo para formulação de pautas e propostas para as próximas mobilizações” e adiciona “A ideia é criar um espaço comum a todos os mobilizados na web e na rua. Um espaço comum para organizados e independentes.” A perspectiva buscava com essas

definições ser o mais abrangente possível tanto no sentido do diálogo quanto no sentido do da criação em conjunto.

A Assembleia Popular Horizontal é uma instância de discussão sobre os passos a serem dados na luta por uma cidade mais inclusiva e foram instituídos concomitantemente aos últimos grandes atos, para haver outras arenas de discussão a respeito dos problemas que ali estavam para serem resolvidos, uma arena para além do facebook, onde as marchas eram chamadas em eventos (MAGALHÃES, 2015). Elas aconteciam prioritariamente embaixo do viaduto Santa Tereza, assim como as reuniões da Praia da Estação, quando chovia, e constituíam territórios para pensar o agir sobre o que se estava exigindo na rua.

O quinto grande ato percorreu à pé o caminho da Praça Sete até o estádio do Mineirão, estádio de futebol que compõem a vizinhança do complexo arquitetônico da Lagoa da Pampulha, passando ao lado da Universidade Federal de Minas Gerais. Os dados da polícia militar dizem que foram 50 mil pessoas que participaram da marcha; a contagem dos movimentos sociais dizia 100 mil pessoas.

Três eventos organizaram-no no facebook, este “5º Grande ato” puxado pelo perfil da Assembleia Popular Horizontal, com 204.137 convidados, 16.500 confirmações de participação e 4.063 talvez; o #VemPraRuaBH que convidou 578.161 convidados, teve 58.448 confirmações de presença e 13.884 perfis que sinalizaram um talvez e o terceiro evento, o Gigante vai abraçar o mineirão, com 5195 convidados, 424 confirmações de presença e 144 marcações de talvez. (ALZAMORA et alli, 2014). Importante explicar que participar de um evento facebookiano no modo “talvez”, permite ao perfil do usuário acompanhar as discussões, postar, comentar e dessa maneira integrar a rede informativa que se produz acerca do evento, “que se engendra em conexões on e off-line” (ALZAMORA et alli, 2014, p.40).

Este ato ocorreu no dia 26 de junho de 2013, percorreu 25km na ida e mais 25km na volta, no asfalto da cidade e teve um jovem assassinado, numa ação violenta da polícia sob um dos viadutos construídos na Avenida Antonio Carlos: o jovem era negro, metalúrgico, morador da periferia de Belo Horizonte e estava lá, lutando por seus direitos. O segundo jovem assassinado na mesma noite, 26 de junho de 2013, foi Luis Otávio, conhecido na rua como Luiz Estrela, “poeta, performer, intelectual, morador de rua, homossexual. Trazia consigo a luta do artista pela arte, a luta do cidadão pelo direito à vida e à cidade.” (MUSA, 2015, p.1). Morreu já no centro da cidade vítima de violência homo e transfóbica, depois que o 5º Grande Ato havia

retornado da Pampulha.

A partir destas breves identificações que fazemos de jovens vidas que foram tiradas pela força policial do estado, podemos refletir sobre onde estão as vulnerabilidades e as forças da luta da juventude na atualidade e por onde que estes fragmentos de narrativa chegarão nos desenvolvimentos dos fatos; questionar sobre o genocídio da juventude negra e pobre, no Brasil.

Depois do último grande ato, depois de reuniões em assembleias populares horizontais, os manifestantes seguiram para a Câmara Municipal de Belo Horizonte e a ocuparam-na, durante 45 dias, exigindo não só a estagnação do valor da tarifa de ônibus como auditoria dos contratos das concessões das empresas de ônibus, gerenciados pela BHTRANS, empresa pública municipal responsável pelas vias urbanas. A ocupação foi auto-gestada, recebeu ajuda de diversos parceiros na cidade e estava sendo articulada nas assembleias populares horizontais, que aconteceram no espaço do prédio público, produzindo um outro espaço de fazer política por lá.

“A ocupação é um ato de coragem: é uma atitude radical que nasce preocupada em resgatar a vida cotidiana da dominação do espaço abstrato e na qual se coloca em curso um processo de tomada de consciência dos entraves da produção do espaço urbano. Tal consciência – a qual arriscaríamos chamar urbana – implica iniciativa e participação, mesmo que sejam meramente tentativas ou incompletas.” (VELLOSO et alli, 2017, p.259)

Esse espaço de convivência diária e de estabelecimento de uma “consciência urbana” que articulava em uma luta muitas pessoas diferentes, acabou catalisando a produção de diversas outras ações políticas e estéticas, em Belo Horizonte: podemos dizer, que foram, em uma grande medida, desdobramentos da Praia da Estação. A imagem a seguir, é uma destas criações, às quais a potência do imaginar como aqueles corações foram parar ali é expansiva, alimentando o imaginário político da ação dos corpos na capital mineira. O rosto do primeiro guarda nos mostra que ele também é um jovem negro.



Foto3\_rena: Pintura nos escudos da guarda municipal na ocupação da Câmara

Ao atentar-nos para as imagens em circulação de todo o processo dado em Belo Horizonte, em redes sociais, pesquisas acadêmicas e portais de notícia, encontramos com muitas diferenças e choques entre os mundos colocados em relação, dando a ver um dissenso em produção constante, constituindo um território de encontro de sentidos políticos. Priscila Amoni, artista que desenhou os corações nos escudos da guarda-municipal que bloqueavam as portas da câmara municipal da capital no momento da ocupação, disse que eles não fizeram nada enquanto ela os pintava, em entrevista que nos foi concedida via Messenger, na plataforma facebook, “eu tava com essa tinta na mão, eu comecei a pintar e eles não fizeram nada, não fizeram nada, e eu fui pintando um por um e eu sorria para eles e eles não faziam nada, isso que foi a coisa mais surreal.” (AMONI, 2017, 8/10/17)<sup>16</sup>

Tais choques produziram condições de possibilidade para que as ações subsequentes ainda desafiassem mais um âmbito do poder público instituído: o direito ao uso à propriedade pública. Quando desocupam a Câmara Municipal, os ativistas se dirigiram para a área embaixo do viaduto Santa Tereza, em passeata a partir da casa legislativa. Lá chegando, implementaram uma nova proposta de continuar existindo com os corpos unidos na rua e na luta: passar a realizar periodicamente as #ocupações, que seriam territorializadas em diversos espaços públicos pela cidade, para produzir outros usos, entre eles, discutir problemáticas contextualizadas naqueles espaços, inclusive.

Outra proposição que surgiu depois das mobilizações das Jornadas de Junho foi a ocupação do prédio da rua Manaus, no Santa Efigênia, que estava fechado havia dezenove anos e estava quase se perdendo em ruínas, por falta de cuidados e manutenção.

Na madrugada do dia 25 para o dia 26 de outubro de 2013, um grupo de artistas, ativistas, educadores, produtores culturais, entre outras tantas pessoas, romperam as portas de um velho casarão abandonado faziam vinte anos e ocuparam seu interior escuro e desconhecido. Reunidos desde o mês de abril do mesmo ano, após meses de encontros e discussões acaloradas, de um vasto mapeamento de imóveis públicos ociosos em Belo Horizonte, com a bagagem das recentes movimentações políticas e culturais experienciadas na e pela cidade e com a catarse desperta e dispersa pelas manifestações de junho de 2013 que movimentaram grande parte do Brasil, assumiram a tarefa de constituírem um espaço comum, auto-gestionado, que abrigasse cultura e que também a gestasse nas suas relações ordinárias. Que pudesse trazer significações para além do valor atribuído ao espaço, valor este inculido nas características arquitetônicas e nos desconhecidos traços históricos, ambos perdidos no tempo. (MUSA , 2015, p.75)

O fragmento narra a ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela, imóvel de propriedade do Estado de Minas Gerais, teve como último uso abrigar um Hospital Psiquiátrico Infantil; o prédio é tombado pelo patrimônio e foi ocupado durante uma encenação que aconteceu na rua. “A partir de uma apresentação cênica, que simulava a ocupação do imóvel, transmutou-se fabulação em ato e o grupo gestou as possibilidades de uso e de transformação do espaço.” (MUSA et ali, 2015, s/p). A ocupação presta homenagem ao artista Luiz Otávio Estrela, morto na noite do 5º grande ato e que trazia desenhado no corpo a imagem que compunha seu nome artístico, a pequena estrela tatuada na testa. A ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela continua ativa até os dias atuais, julho de 2018.



Foto4\_musa: reunião na ocupação no espaço comum Luiz Estrela

Na imagem vemos uma reunião no espaço recém-ocupado, mas que já trazia o stencil da fotografia do rosto de Luiz Estrela, grafitado no hall de entrada. O stencil, sabemos ser, uma prática que se iniciou em outros tempos das contestações ao poder instituído pelo mundo, levando para as ruas gritos de luta e imagens a se memorar, desde as ditaduras militares na América Latina, desde o maio de 68 na Europa e os protestos contra a Guerra no Vietnã.

“Nas ruas, o desejo transborda, gritando a impossibilidade de manter a impossibilidade do real, grafitando de vida as paredes cinza da ordem moribunda. Devemos apostar na rebelião do desejo. Aqueles que se apegarem às velhas formas serão enterrados com elas.” (IASI, 2013, p.46)

Além das ações, da criação e realização dos grandes atos, da criação das Assembleias Populares Horizontais, online e presencialmente, da ocupação da Câmara Municipal, da criação das #ocupações e do planejamento, ocupação e manutenção do Espaço Comum Luiz Estrela, outras forças se somaram à luta política no cimento e nos imaginários dos ativistas da cidade. “Estes processos de (multi)territorialização precisam ser compreendidos especialmente pelo potencial de perspectivas políticas inovadoras que eles implicam. (HAESBAERT, 2004, p.1)”. Diversas atuações nos espaços de visibilidade do poder oficial foram produzidas, de modo a mostrar a força da diversidade social, em criações estético-políticas que, em muitas medidas, se

entrelaçam com a experiência da Praia da Estação, como o graffiti da imagem abaixo, colocando em uma placa da cidade a existência e localização “oficial” da Praia da Estação: mais uma vez, o traçado urbano planejado foi apropriado pelas práticas da população da capital mineira.



Foto5\_ativista: intervenção na placa do grupo ativista disponibilizada no facebook.

## Referências

- ALZAMORA, Geane. *Acontecimentos agenciados em rede*. In SILVA, Regina Helena Alves da (org.). *Ruas e redes, dinâmicas dos protestos br*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignación e de esperanza*. Madrid: Alianza Editorial; 2015.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CARNEIRO, Henrique Soares. *Apresentação – Rebeliões e ocupações de 2011*. In MARICATO, Ermínia. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004 [1990].
- DERAKSHNAN, Houssein. *Salve a internet*. In Revista Piseagrama <http://piseagrama.org/salve-a-internet/>, 2015.

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontar, remontagem do tempo*. Caderno de Leituras n.47, Edições Chão da Feira, 2016. <http://chaodafeira.com/cadernos/remontar-remontagem-do-tempo/>.
- GUATTARI, Félix. [1992] *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.
- HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre: 2004.
- IASI, Mauro Luis. *A rebelião, a cidade e a consciência*. In MARICATO, Ermínia. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Espetacularização Urbana Contemporânea*. Cadernos do PPG//AUFAUFBA, número especial “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”. Salvador: Editora UFBA, 2004.
- MAGALHÃES, Felipe N. Coelho. *O neoliberalismo e a produção do espaço na metrópole: subjetivações, insurgências e redes na economia política da urbanização contemporânea*. Belo Horizonte: Tese defendida no IGC/UFMG, 2015.
- MUSA, Priscila. *Movimentos Imagem*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. *La Nuit Debout es la transformación de una juventud de luto en una juventud en lucha*. Entrevista em Diagonal Periódico. Disponível em <https://www.diagonalperiodico.net/blogs/europa-constituyente/entrevista-jacques-ranciere-la-nuit-debout-es-la-transformacion-juventud>. 2016.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político*. Entrevista em Revista Marimbondo, v.01, 2011. Disponível em [www.revistamarimbondo.com.br](http://www.revistamarimbondo.com.br).
- \_\_\_\_\_. *Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia*. In *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2*. Rio de Janeiro: Letra Capital, [1989] 2013a.
- ROLNIK, Raquel. *Apresentação – As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações*. In MARICATO, Ermínia. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- TELES, Edson. *Democracia, segurança pública e coragem para agir na política*. In MARICATO, Ermínia. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- VELLOSO, Rita de Cássia Lucena et alli. *Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.19, n. 2, Recife, maio-agosto 2017.

## Nota

- 1 Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732>. (Acesso: 14/07/18).
- 2 Flávio Gutierrez é um dos fundadores da construtora Andrade e Gutierrez, empreiteira multinacional responsável por obras como a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a Estrada de Ferro Carajás, o Aeroporto Internacional de Confins e o metrô de Salvador
- 3 Os blogs foram os primeiros espaços na internet que disponibilizaram modelos de publicação online e gratuita sem precisar saber programar uma página em html, tendo sido ferramenta essencial no processo de democratização e ampliação de conteúdo disponível na internet. Disponível em <http://vadebranco.blogspot.com>, acessado em 16/07/18.
- 4 As listas de e-mails são ferramentas de encontro e organização social muito inovadoras, são consideradas “canais importantes de agregação de comunidades online” (MAGALHÃES, 2015, p.181).
- 5 O endereço do blog é <https://pracalivrebh.wordpress.com/>, acessado em 19/07/2018.
- 6 Outras “praias” já haviam sido realizadas em Belo Horizonte, sendo a intervenção que o Grupo Galpão realizou na Praia da Savassi em 1989, como processo do trabalho no Festival de Inverno da UFMG daquele ano, que teve a produção do manifesto “Queremos praia”, das atualizações de tal territorialidade praieira das mais conhecidas. (OLIVEIRAS, 2012; LAGES, 2014).
- 7 Naquela manhã, como o prefeito havia mandado desligar as fontes contactamos um caminhão pipa, já avisado, “passamos o chapéu”, arrecadamos moedas e reunimos o recurso para pagar o serviço do caminhão.
- 8 Fragmentos da narrativa em montagem audiovisual com fotos e vídeos gravados na primeira Praia da Estação, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4mEzQrF6v0M>, acessado em 14/07/18.
- 9 Luther Blisset é um pseudônimo coletivo criado na Itália para contestar as práticas de comercialização e financeirização na internet, acessado em 20/07/18, <http://www.lutherblisset.net>
- 10 Tradução nossa de “Una conversión de la forma manifestación en la forma ocupación”. Na entrevista online, o tema principal é a “Nuit debouts” em Paris, mas o autor também faz referências à Madrid, Nova York, Atenas e Istambul.
- 11 Tradução nossa de “Son los últimos espacios públicos en los que se puede estar en común; discutir y actuar en comum”.
- 12 Tradução nossa de “Ignoraron a los partidos políticos, desconfiaron de los médios de comunicación, no reconocieron ningún liderazgo y rehazaron cualquier organización formal, dependiendo de Internet y de las asambleas locales para el debate colectivo y la toma de decisiones” tradução nossa.
- 13 O mar da praia foi produzido no primeiro aniversário da Praia da Estação a partir de uma apropriação da obra de Lygia Pape, “Divisor”, em que crianças vestiram um tecido imenso no Morro da Mangueira, na década de 70. Produzido com plástico azul, sua confecção foi motivada por um desentendimento dos banhistas da Praia da Estação com a organização das ações de extensão da Bienal Internacional de Artes de São Paulo, que disponibilizaram a vestimenta da obra por interessados nas ruas da capital mineira.
- 14 Acessado em 10/07/18, disponível em [http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre\\_o\\_overmundo.php](http://www.overmundo.com.br/estaticas/sobre_o_overmundo.php).
- 15 Coletado no site da organização em 10/07/18, <http://midianinja.org/sobre/>. Fazem parte da rede de colunistas algumas figuras emblemáticas das lutas urbanas e da “nova” esquerda, como Guilherme Boulos, Claudio Prado, um dos idealizadores do Programa Cultura Viva, vozes dissonantes da intelectualidade feminista, como Ivana Bentes e Marcia Tiburi bem como personagens do Fora do Eixo, como Pablo Capilé, entre outros.
- 16 O depoimento refere-se aos cadernos de campo produzidos na pesquisa da tese, tentando experimentar os vários modos de encontros possíveis online.